

“Da laranja quero um gomo, do limão quero um pedaço”: transitoriedade e transformações de gênero no filme *tiresia* (2003)¹

“From the orange i want a segment, from the lemon i want a piece”: transience and gender transformations in the movie *tiresia* (2003)

Aureliano Lopes da Silva Junior

*Mestre em Psicologia Social/UERJ
aurelianolopes@gmail.com*

Anna Paula Uziel

*Doutora em Ciências Sociais,
professora adjunta do Instituto de Psicologia da UERJ,
pesquisadora do CLAM/IMS/UERJ
uzielap@gmail.com*

10

Édipo:
Quanta insolência mostras ao falar assim!
Não vês que aonde quer que vás serás punido?

Tirésias:
Sou livre; trago em mim a impávida verdade!

Édipo:
De quem a recebeste? Foi de tua arte?

Tirésias:
De ti; forçaste-me a falar, malgrado meu.

(Sófocles – *Édipo Rei*)

Resumo

Corpos transexuais, na maioria das vezes, provocam diversos tipos de inquietação, como fascínio, repulsa, dúvidas, medo, violência, entre outros, não passando despercebidos a nenhum olhar; são sempre colocados em evidência, de diversas formas e com diferentes objetivos ou pretensões. Tendo como ponto de partida o filme *Tiresia* (2003), este artigo pretende uma reflexão sobre questões suscitadas pelos corpos trans, focando nas aberturas às transformações das identidades de gênero e modos de subjetivação, geralmente apontadas como aparentes nestes corpos que arriscam algum tipo de trânsito. Deseja-se também pensar o que esses trânsitos de gênero dizem da própria constituição da categoria gênero e suas análises teóricas, problematizando-se os riscos de se fixar um corpo trans como o protótipo da superação dos binarismos masculino e feminino.

Palavras-chave: Gênero. Trânsitos de gênero. Sexualidade. Tiresia.

Abstract

Transsexual bodies in most cases provoke several kinds of inquietude, such as fascination, repulsion, doubts, fear, violence, among others, not being kept unseen by any look; they are always put in evidence, in several ways and with different objectives or pretensions. Having the movie *Tiresia* (2003) as a starting point, this article aims at a reflection about questions which are suscitated by the trans bodies, focusing on the openings to the transformation of the gender identities and ways of subjectification, generally pointed out as apparent in these bodies which risk some kind of transit. It also aims at thinking of what these gender transits tell about the construction of their own gender category and their theoretical analyses, posing the problem of the risks of setting a trans body as an overcoming prototype of the masculine and feminine binarisms.

Keywords: Gender. Gender transitions. Sexuality. Tiresia.

¹ Versão completa do trabalho apresentado no XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, realizado em Maceió entre os dias 30 de outubro e 02 de novembro de 2009. Uma versão reduzida deste texto foi publicada nos anais do evento.

“Teresinha de Jesus, de uma queda foi-se ao chão”

Lançado oficialmente na Mostra Competitiva de 2003 do tradicional Festival de Cinema de Cannes, na França, o filme *Tiresia*, do diretor e roteirista Bertrand Bonello, conta um trecho da história de uma transexual brasileira que trabalha como prostituta em Paris. O foco recai em sua relação com Terranova, personagem um tanto quanto soturno, fechado em si mesmo e declaradamente fascinado por transexuais/travestis. Logo no início da projeção, vemos imagens de magma vulcânico em movimento ao som de *Allegrette*, música da 7ª Sinfonia de Beethoven, que parecem dar um tom épico à narrativa, a qual principiará com o seguinte monólogo em *off* de Terranova:

Logo estarei em meu jardim de rosas. Logo. Estou esperando. Rosas cheias de espinhos. Aromas falsos. Melhores que os verdadeiros. O original é vulgar. Por seu passado. Foi só uma tentativa, uma tentativa. A ilusão não é o real. A cópia é perfeita. A cópia é perfeita... Como a vejo. Como a sinto. De volta ao meu jardim esta noite. Novamente rosas. Mesmo que só haja uma... Um lindo dia (TIRESIA, 2005).

Terranova se remete às travestis e transexuais que encontrará no *Bois de Boulogne*, reduto da prostituição trans em Paris. A evocação das rosas é bastante propícia, pois é realmente dessa forma que esse personagem parece lidar com as trans, como rosas, símbolos de um tipo de feminilidade fascinante, pelas quais é completamente apaixonado, mesmo que para se ter uma delas seja preciso retirá-la do jardim e trancafiá-la em um vaso. Após passar por diversas trans, em uma cena considerada por vários críticos e espectadores como uma das mais belas do longa-metragem, Terranova desce de seu carro e inicia sua busca pela rosa perfeita. Em um ambiente que mistura delicadeza e vigorosidade, corpos deliberadamente desenhados e em exposição e negociação, ele caminhará ao som de folhas e galhos sendo pisoteados e frases projetadas em francês e português, já que grande parte da rede de prostituição transexual e travesti em Paris é composta por brasileiras. É aí que se depara com Tiresia, que, um pouco afastada de suas colegas, entoava suavemente a cantiga popular brasileira *Teresinha de Jesus* por entre as árvores do *Bois de Boulogne*.

Tiresia, que na primeira parte do filme não é nomeada dessa forma nem de outra, parte para a casa de Terranova acreditando tratar-se de um programa habitual, porém acaba sendo presa em um dormitório sem nenhum tipo de explicação. É mantida como refém, sendo amarrada pelos pulsos com uma corda durante as noites, pois seu agressor/admirador dorme sempre ao seu lado. Terranova recusa qualquer contato sexual com Tiresia, mas

permanece conversando e fazendo as refeições em companhia desta no quarto/cativeiro. Ele parece manter contato exclusivamente com ela; sua relação com o mundo exterior é caracterizada apenas com seus cuidados e falas dirigidas ao porco-espinho que habita o jardim de sua casa, fato que pode ser lido como uma clara alusão à feminilidade masculina de Tiresia e sua relação de fascínio e dominação frente a esta.

Os dias passam, Tiresia insiste em ser solta, mas a única resposta que recebe é a companhia constante e atenciosa de Terranova. Seu corpo começa a se modificar devido à falta dos hormônios que mantêm suas feições femininas, os quais Terranova não consegue obter junto ao irmão dela, pois este descobriria que Tiresia se encontrava em seu poder. Renato, o irmão, também é o cafetão que gerencia a prostituição trans no referido *Bois de Boulogne*. *Allergette* de Beethoven volta a ser música de fundo do filme e a imagem do porco-espinho morto a marteladas serve como introdução para a cena em que um atordoado Terranova furará com uma tesoura os olhos da cada vez mais masculina Tiresia, para em seguida abandoná-la inconsciente em um local ermo e aparentemente longe de Paris.

“Teresinha levantou-se, levantou-se lá do chão”

Tiresia fica cega e recupera seu aspecto masculino. Acolhida por uma família formada por um pai e uma filha muda, ela passa a ser ele² e involuntariamente desenvolve poderes adivinhatórios, tornado-se um tipo de oráculo da região, cuja população passa a crer após verem confirmadas suas predestinações. Tiresia não parece se incomodar com sua forma masculina, pois, após a violência sofrida, foca-se muito mais em uma tranquilidade que conseguiu alcançar do que na forma feminina que tanto prezava e se esmerava em manter. Os moradores da região pareciam desconhecer seu passado feminino, menos o padre do local, que o confronta, travando com Tiresia o seguinte diálogo:

Tiresia: As pessoas estão aí. As palavras vêm... Falo.

Padre: Você entende as palavras? Não precisa ter medo.

Tiresia: Não tenho medo.

Padre: Me lembra de uma pintura que tenho. Uma mulher sentada em um sofá. Ela se sobressai. O sofá e a parede são

² Cabe ressaltar aqui que nesta segunda parte do filme, em que Tiresia se masculiniza, a personagem deixa de ser interpretada por uma atriz, Clara Choveaux, para ser personificada por um ator, Thiago Telès.

da mesma cor. Ela veste um vestido preto. E seu cabelo preto está preso. Feição fina, pescoço e pulsos finos. As mãos juntas, inclinada. Sua pose está um pouco torcida. Seu rosto é grande e um pouco estranho. Não se pode saber se ela está sorrindo ou te julgando. Talvez uma cena sem importância em um salão. Talvez não. Uma impressão de que ela vê algo que não podemos ver. Como se ela estivesse fingindo. Talvez seja cínica ou esteja desiludida.

Tiresia: Não sou como esta mulher. Tive um acidente. Perdi a visão. Me tomaram. Estou bem aqui. Segura e bem cuidada. Isso é tudo.

Padre: Não. Tem mais alguma coisa.

Tiresia: Não sei. Digamos que não posso mentir. Ainda que dizer a verdade seja difícil.

Padre: Como você sabe que diz a verdade?

Tiresia: Apenas sei. Isso é tudo (TIRESIA, 2005).

Assim, perguntamo-nos: qual a verdade que Tiresia teria a revelar? Contra qual verdade ela é confrontada: a verdade dos fatos que ainda não aconteceram e ela antecipa ou a verdade de seu sexo, de um sexo que a definiria de forma identitária e a colocaria ou não em um lugar de sujeito? O que ela é obrigada a dizer Com a aparência de um homem, Tiresia não deixaria de ser uma ex-trans, possuindo um passado que lhe condenaria e envergonharia, ou seja, que apontaria para um tipo de reprovação no presente devido à sua deliberada não legitimidade passada. Enquanto uma transexual, carregaria consigo a negação de sua masculinidade em favor de um feminino que é buscado e inscrito em sua subjetividade, o que colocaria seu corpo em trânsito na condição de marginal e também de não legítimo. A Tiresia não restaria outra coisa senão um constante e sempre possível apontamento para seu sexo, pois este seria o grande traço de sua subjetividade, senão o único, sua verdade inquestionável. Seu gênero parece ser definido apenas com o que ela faz (ou fez) com seu sexo. Dá-nos a impressão de que o trânsito por ela efetivado será sempre um fantasma com o qual em algum momento encontrará e raramente de forma positiva e produtiva. Ela sempre poderá ser acusada por voluntariamente ter moldado seu corpo, e essa acusação, inscrita na lógica de uma normatividade que garantirá legitimidade aos corpos que a esta se conformam, poderá também ser tomada como legítima pelo/a possível acusador/a.

Esse traço é próximo ao da tese do poder produtivo da sexualidade, defendida por Michel Foucault no seu já clássico livro *História da Sexualidade I*:

A vontade de saber (1985). Segundo esse autor, somos incitados a falar de sexo e esse dispositivo da sexualidade tem o poder de nos produzir enquanto seres sexuados, colocando e mantendo o sexo em um lugar primordial e fundante de nossas subjetividades e/ou identidades. Apenas supostamente reprimido, pelo menos na modernidade e em nossa contemporaneidade, o corpo sexuado e sexualizado está sempre em destaque, mesmo que essa ênfase seja colocada em termos repressivos. Foucault (1985, p. 77) discorre sobre essa “vontade de verdade, dessa petição de saber que há tantos séculos faz brilhar o sexo: história de uma obstinação e de uma tenacidade”, mostrando-nos o quanto somos escravos de uma constante e reiterada busca por uma suposta verdade e saber a respeito do sexo. Em seguida, lançará as seguintes questões:

O que é que pedimos ao sexo, além de seus prazeres possíveis, para nos obstinarmos tanto? Que paciência, ou que avidez é essa em constituí-lo como o segredo, a causa onipotente, o sentido oculto, o medo sem trégua? E por que a tarefa de descobrir essa difícil verdade se tornou finalmente convite a suspender as interdições e a desatar os entraves? (FOUCAULT, 1985, p. 77).

O que é que pedimos ao sexo, além de seus prazeres possíveis, para nos obstinarmos tanto? Que paciência, ou que avidez é essa em constituí-lo como o segredo, a causa onipotente, o sentido oculto, o medo sem trégua? E por que a tarefa de descobrir essa difícil verdade se tornou finalmente convite a suspender as interdições e a desatar os entraves? (FOUCAULT, 1985, p. 77).

Navarro-Swain (2006) faz esse mesmo questionamento, afirmando logo no título de seu texto que entre a vida e a morte existe o sexo e que apenas este parece ser importante na vida das pessoas. Ser feliz, ou qualquer similar, pode ser lido como ser sexualmente ativo, potente e por isso feliz. Quanto mais sexo melhor, o que não se reduz apenas a relações sexuais, mas a todo um dispositivo da sexualidade que nos produz e somente torna legítimos os corpos inteligivelmente sexuados. Estes seriam os corpos que se conformariam à normatização dos ideais da sexualidade e do gênero, sendo coerentes aos modos de subjetivação validados por uma matriz heterossexual normativa (BUTLER, 2003), que teria “o poder de produzir – demarcar, fazer, circular, diferenciar – os corpos que ela controla” (BUTLER, 1999, p. 154).

O foco do sexo, e conseqüentemente da sexualidade, é na genitalidade e, como postula Bento (2006, p. 157), parece que existiriam então “homens-pênis” e “mulheres-vaginas”, estando firmemente colada à percepção do gênero, às possíveis práticas sexuais ao órgão genital e, logo, à própria

constituição da subjetividade. Instaura-se um ciclo performativo no e por meio do qual

[...] a identidade de gênero institui sua própria imagem e se realiza em sua atualização: o “eu” se torna possível enquanto sujeito através de práticas e representações de “mim”. Não preexiste à sua instituição. Talvez pudéssemos chamar “*técnicas de mim*” este processo em que de mim para mim e de mim para os outros eu digo e represento: “eu sou” (NAVARRO-SWAIN, 2002, p. 330, grifo do autor).

“Eu sou” fundamentalmente sexo; partilhante, produtor e enaltecedor de uma “miséria sexual [que] é a obrigação do sexo como medida do ser, como essência identitária, padrão de comportamento, verdade na qual desenho meu perfil, meus contornos, minha inserção no mundo” (NAVARRO-SWAIN, 2002a, p. 334). É uma verdadeira miséria a redução da subjetividade ao sexo, à sexualidade e também ao gênero, já que meu corpo e minhas práticas somente adquirirão inteligibilidade se a forma como se dá minha generificação for coerente ao que se espera de mim. Somos aprisionados a ideais sexuais que nunca serão alcançados, ao mesmo tempo que pedimos para cada vez mais não sairmos dessa prisão, vide as muitas capas de revistas que não trazem nada além de um corpo escultural (leia-se também saudável) com apelos sexuais e o bombardeio de informação sobre como se tornar o homem e a mulher perfeitos e desejáveis.

Apesar de todos os esforços para compreendermos de forma separada e desnaturalizada sexo, gênero e sexualidade, ainda nos deparamos em nosso dia a dia com práticas e concepções que não desvinculam tais categorias, exigindo coerência entre estas, além de criar estereótipos e preconceitos. Gênero ainda é lido como sexo ou apenas uma atualização deste último, pelo menos no plano das práticas cotidianas, sendo estas as mesmas que constroem o corpo transexual como preponderantemente sexual e perigoso à normatização dos seres.

Somos criaturas cuja verdade se encontra na genitalidade e na exigência de corpos generificados e sexualizados de forma normativa. Mas o que acontece com os corpos que de alguma forma não se inscrevem nessa unívoca forma válida de subjetivação? E que subjetividade é essa que é produzida e mergulhada nessa profusão sexual? Ela pode ser nômade³? Ou é ainda uma modesta possibilidade?

³ Não desenvolveremos melhor esse argumento, mas pensemos nas possibilidades de trânsitos de gênero que se constituem de forma diferente para corpos ditos masculinos e femininos.

“Tanta laranja madura, tanto limão pelo chão; tanto sangue derramado dentro do meu coração”

Tiresia é mostrada como uma transexual e se nomeia dessa forma. Mas que categoria é essa? Que corpos ela está tentando particularizar e ao mesmo tempo universalizar?

Bento (2006) evidencia que falar de transexuais não é dizer do outro, mas de nós, de nossos próprios modos de identificação ou subjetivação. O que seria colocado em xeque pela experiência transexual é a não naturalidade das formas de assunção do sexo e do gênero, para nos remetermos ao termo e à noção de Judith Butler (1999, p. 166), que afirma que um corpo se tornará um corpo humano e adquirirá legitimidade através da “apropriação constrangida da lei regulatória, pela materialização daquela lei, pela apropriação e identificação compulsória com aquelas demandas normativas”.

Mesmo que consideremos a subjetividade ou identidade uma categoria fluida e em constante construção, por vezes, acabamos nos agarrando a uma necessidade de nomeação e estabelecimento de um tipo de verdade do sujeito; um elenco de características que o revelariam por completo, ditando o que este seria. Raça/etnia, classe social, nacionalidade e região geográfica, sexo, gênero, orientação sexual são apenas alguns marcadores sociais que atuam na produção das subjetividades. As tentativas de se conceber determinado marcador social como preponderante são diversas; muito sujeitos abraçam uma causa específica, como, por exemplo, negros que creditam a raça ou gays que concebem a orientação sexual como as categorias determinantes da produção de diferenças e desigualdades e mesmo do próprio processo de subjetivação. Uma mulher, negra e lésbica, é mais o quê? A que grupo ela deve se juntar? Em prol de qual causa deve lutar ou de que forma ela seria percebida por outros? O que a definiria de forma mais completa e fiel?

Parece que temos que escolher e nos engajar em um único marcador, que seria nosso definidor por excelência, além de apontarmos no outro o que fundamentalmente ele seria, nomeando determinado sujeito como o homossexual, a negra, o jovem em conflito com a lei, entre muitas outras mínimas combinações e cristalizações identitárias. Esse movimento de identificação e diferenciação também diz do estabelecimento de limites entre o “eu” e “o(s) outro(s)”, sobre como me percebo, o que “eu sou”, como me vejo entre diversos outros seres e a forma como me relaciono com eles. Inseridas nesse jogo de poder identitário, diversas categorias são criadas e fixadas, seja pelos próprios sujeitos que se identificam com elas e se organizam na tentativa

de formarem um grupo supostamente coeso ou que minimamente partilhe das mesmas coisas, seja por uma rede de saber-poder que se esforça para nomear determinado grupo de pessoas como à parte do ideal normativo da sociedade. Apesar de um grupo reivindicar seu legítimo pertencimento à categoria identificada como tal e o outro supostamente ser vítima de um enquadramento estereotípico, os dois movimentos não são contrários; ambos dizem da criação de fronteiras e da necessidade de se ser algo nomeável, discursivamente vivo.

Uma dessas categorias é a da transexualidade. Se pensarmos nossos modos de subjetivação como uma negociação entre diversos discursos e categorias de forma a nos materializar, dando-nos determinado nome e contorno, perceberemos que os ditos corpos trans são constituídos da mesma maneira, como qualquer outro corpo. Por não se encaixarem na classificação normativa masculino ou feminino, a partir da década de 1950⁴ começa a tomar forma o dispositivo da transexualidade, como muito bem nomeou Berenice Bento (2006), objetivando abarcar esses corpos desviantes. Essa autora afirma que primordialmente dois discursos tomaram para a si a responsabilidade de explicar e reenquadrar na normalidade os sujeitos transexuais: um biológico, proposto pelo endocrinologista Harry Benjamin, e outro psicanalítico, postulado pelo psicanalista Robert Stoller. O primeiro desses modelos (transexual benjaminiano) tentava localizar no corpo e em suas diversas conexões biológicas a causa da transexualidade (ou transexualismo), ao passo que o psicanalítico (transexual stolleriano) supunha que a origem desse desvio estava nas relações parentais, principalmente a estabelecida com a mãe.

Apesar de todas as suas divergências teóricas, essas duas correntes tinham como principal traço comum a noção de que transexuais não eram normais, que eram homens em corpos femininos ou mulheres em corpos masculinos que necessitavam ser corrigidos de acordo com seu gênero “correto”. Se a transexualidade deixava de ser vista como aberração era para assumir o caráter de patologia, fixando de forma universal que o/a transexual é infeliz com seu corpo, desejando sua correção em direção à (hétero) normalidade. Esse caráter ainda é fortemente vigente na contemporaneidade: a cirurgia de transgenitalização, bem como o tratamento hormonal e outras intervenções legais, somente são autorizados após diagnóstico e acompanhamento por equipe multidisciplinar que certificará que aquele sujeito é um/uma transexual. O carimbo da transexualidade apenas será dado, por profissionais capacitados – e não diretamente pelo sujeito em questão –, após o

⁴ Apenas para evitar possíveis equívocos, essa data se refere à criação da categoria transexual como utilizada atualmente e não ao possível primeiro registro de corpos trans ou intersexo.

preenchimento dos requisitos descritos no Código Internacional de Doenças (CID-10) e no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV)⁵, como sentimento de inadequação com seu gênero, falta de prazer com seu corpo e centralidade na realização da cirurgia de mudança de sexo. Muitos/as transexuais partilham esses itens, porém talvez seja possível afirmar que nenhum/a deles/delas é tão estereotipado/a quanto uma diretriz médico-psiquiátrica.

Como frisa Bento (2006), há uma diversidade de transexuais, desde os que abominam seu corpo até os que não desejam a cirurgia “corretiva”. A invenção dessa categoria do/da transexual acabou por fixar como central nessa experiência a genitalidade, concebendo esse sujeito a partir de seu sexo, o qual não estaria de acordo com o gênero que ele/a sente e vive. Além disso, está implícita nessa vivência do gênero a heterossexualidade como o desejo dos/das transexuais. São equívocos que um olhar mais atento e livre para o cotidiano, como demonstrado pelos encontros do campo de Bento (2006), poderão desfazer. São muitos os tipos possíveis de transexuais, porém essa multiplicidade muitas vezes é silenciada, tanto pelos profissionais que os assistem como pelos/as próprios/as transexuais, já que é o enquadramento na categoria psiquiátrica que garantirá alguns desejados benefícios, como acesso legal aos hormônios, além da legitimação de si como humano, mesmo que patologizado. Ser reconhecidamente uma transexual, no caso da transexual feminina, ainda a diferenciará de ser nomeada como travesti, categoria extremamente marginalizada e que assume de forma muito mais deliberada a ambiguidade de seu corpo e gênero.

Tiresia é uma transexual que na cena em que se mostra frontalmente nua para Terranova segura seu pênis e diz: “Olha o que eu sou. É desumano. É asqueroso. Olha bem” (TIRESIA, 2005). Em outra, na qual tem um sonho erótico, desfruta prazerosamente de uma relação sexual com um homem e uma mulher, sem nenhum constrangimento com seu corpo trans. Além disso, Tiresia é uma prostituta, profissional, que tem em seu corpo a principal ferramenta de seu trabalho, não cabendo pudores nas relações profissionais por ela estabelecidas.

A relação de Tiresia com seu corpo não parece ser de inadequação ou repulsa, apesar da cena acima mencionada. Seu corpo é feminino, esbelto, tornado aquele no qual ela se reconhece tanto pelo uso de hormônios como por seu cuidado estético consigo mesma. Na segunda parte do filme, após ter seu

⁵ A patologização das categorias transexual e travesti é discutida por Jorge Leite Júnior em sua tese de doutoramento intitulada “‘Nossos corpos também mudam’: sexo, gênero e a invenção das categorias ‘travesti’ e ‘transexual’ no discurso científico” (2008). O autor traça o histórico de como tais categorias foram capturadas pelo discurso científico, principalmente a medicina, e utilizadas como dispositivos de normatização de corpos.

corpo masculino com seios femininos lavado pela jovem Anna e vestido com roupas largas, diz-lhe: “Se você ao menos soubesse o que eu fiz para ser bonita...” (TIRESIA, 2005). De forma análoga a essa fala de Tiresia, podemos nos remeter à análise feita por Sônia Maluf da personagem Agrado, do filme *Tudo sobre minha mãe* (1999), do cineasta espanhol Pedro Almodóvar. Segundo Maluf (2002, p. 149), “o que Agrado assinala em seu discurso é mais o processo de tornar-se do que o produto final da mudança. Ao apontar para o silicone (e não para o seio simplesmente), ela aponta para o processo, para o movimento inscrito nesse corpo”. Tiresia assinala seu processo de feminilização, não tão ambíguo quanto o de Agrado, mas na mesma busca por beleza e legitimidade desta última. Beleza aqui não deve ser lida apenas como a construção de um corpo segundo padrões estéticos vigentes e valorizados, mas como a transformação de um corpo no gênero que se crê e, portanto, se é. É a essa transformação que Tiresia parece se remeter quando deseja que o outro saiba o quanto custou tornar-se bonita; aqui, trans fala mais de uma passagem do que efetivamente de um trânsito. Somente é movimento enquanto se está no meio do caminho. Nesse sentido, quando ultrapassa, quando atinge seu alvo, existe a necessidade de uma definição e o apagamento das marcas da ambiguidade.

Há uma valorização por parte de Tiresia de sua feminilidade, a qual é construída através de diversos movimentos, como sua preocupação com a aparência, cabelos, pele e roupas e a manipulação de hormônios. Quando no cativeiro estes começam a faltar e ela desenvolve caracteres masculinos, como barba e traços não mais tão suaves, desespera-se e por vezes parece se entregar a um processo de mortificação. Privada da liberdade de ir e vir e da liberdade de ser o que deseja, ela vai esvaziando-se, como que sem energia para viver. Não deixa de ser inquietante o fato de que na segunda parte do filme Tiresia seja mesmo interpretada por um homem: o feminino almejado e produzido se torna apenas um vestígio inscrito em seu corpo, sendo que este agora é um outro completamente diferente, quase uma outra vida.

Outro ponto de análise interessante, mas que se remete à exterioridade da narrativa, é a não escolha de uma transexual para interpretar a personagem Tiresia, mas sim uma atriz com traços um pouco mais masculinos do que o convencional, como afirmou Clara Choveaux, a protagonista do filme. Seria um cuidado para não exotizar a figura trans, como fazem muitos filmes, incluídos aqueles que estão à margem da produção cinematográfica “oficial” mundial, que apresentam transexuais e travestis como seres bizarros? Medo de chocar ou assustar a plateia? Opção estilística? O diretor Bertrand Bonello afirmou em entrevista que sua proposta foi a de mostrar uma mulher e um homem, o que

diz ter sido aceito pelas transexuais que viram o filme, público que poderia desaproveitar a não presença de uma trans na obra em questão. Mas já que Bonello pretendia retratar essa mulher e esse homem através de uma figura trans, por que em nenhum momento Tiresia é uma transexual? Na primeira parte do filme, ela é uma trans interpretada por uma atriz que chegou inclusive a usar duas próteses de pênis de borracha, um ereto e outro em repouso para as sequências de nu frontal. Na continuação, após a cegueira de Tiresia, é um jovem ator que passa a interpretar o personagem principal. O diretor, que ainda é o roteirista do filme, também não se preocupou em igualar uma transexual a uma mulher, o que poderia parcamente justificar essa referida proposta de Tiresia ser interpretada por uma mulher e um homem.

Essas são questões que poderiam ser desnecessárias, quiçá até sejam, mas não deixam de causar certa inquietação, pelo menos a uma parcela da plateia que, de formas diversas e à sua maneira, pretendeu dar continuidade ao que foi visto na tela. Defendo a liberdade de uma obra artística, sua liberação para não significar e não pretender nada além dela mesma. Porém, talvez devido a essa mesma liberdade da obra, ela se torne passível de diversos tipos de apropriações por quem a experienciou. Acredito, assim como Pedro Almodóvar, que “todas as leituras que deles [seus filmes] se fazem me parecem *a priori* interessantes e aceitáveis. Todas as diferentes formas de ver o filme têm origem no próprio filme, e por essa razão são todas autênticas e válidas, incluindo as que menos me agradam” (ALMODÓVAR citado por STRAUSS, 2008, p. 56). Não há uma verdade que o filme retratará ou um crítico ou pesquisador supostamente capacitado que a revele, apenas diálogos provisórios e questionáveis são possíveis. É na tentativa de um diálogo que lanço tal questionamento: não se estaria contribuindo para a negação de legitimidade de corpos transexuais ao não permitir que estes mesmos transitem pelas cenas de um filme que pretende dizer justamente de um corpo trans? Curiosamente, a transexual Bree, protagonista do popular filme *Transamerica*⁶ (2005), também foi interpretada por uma mulher, a atriz Felicity Huffman, que talvez possua os mesmos traços masculinos encontrados nas feições de Clara Choveaux, intérprete de Tiresia na primeira parte desse filme. É interessante observar que parece ser mais fácil ou viável uma mulher se esforçar para retratar uma transexual do que uma transexual interpretar uma transexual.

Parece haver uma dupla negação de legitimidade da transexual em Tiresia: a da própria história narrada e a das histórias que envolvem a produção

⁶ O filme *Transamerica* (2005), de Duncan Tucker, conta a história de uma trans que, às vésperas de realizar a tão sonhada cirurgia de transgenitalização que extirparia seu pênis, descobre que teve um filho na juventude. O filme foca em seus conflitos a partir desse ponto, como também na sua relação com sua família, com esse filho e com seu próprio corpo.

do longa-metragem, que pretendia precisamente retratar uma transexual da forma mais fidedigna e respeitosa possível. Bonello parece preso à imagem do/a transexual que apenas sofre pela inadequação de seu corpo a seu gênero – tese questionada pela já referida Berenice Bento (2006) – como revela ao afirmar que

[...] o que eles vivem é extremamente violento e brutal, a começar pelo próprio corpo. Eles promovem mudanças físicas que resultam, na verdade, numa guerra contra eles mesmos. A partir do momento em que você afirma que é uma mulher presa num corpo de homem, você está declarando guerra contra seu corpo original. É por isso que há de fato humor e escracho e dança e gritos, pois se eles não fizerem isso, creio que eles simplesmente não se sustentam (BONELLO *apud* MENDONÇA FILHO, 2009).

O sofrimento naturalizado na figura do/da transexual, seu prazer e alegria possíveis apenas de serem originados de um “banquete desesperado”, como diz Tiresia para Terranova e é reiterado por Bonello na mencionada entrevista, não permitem que Tiresia viva por mais sete gerações. Na verdade, não viverá nem a sua, pois, além de todas as formas de violência a que é submetida, é atropelada e morta voluntariamente pelo mesmo padre que questiona àquele jovem sua condição anterior de transexual. Esse padre vê em Tiresia uma ameaça não apenas a Deus e aos seus crentes, devido aos seus dons adivinhatórios, mas a todos, já que seus diversos trânsitos de gênero não lhe conferem a mesma legitimidade que aqueles/as que normativamente se subjetivaram acreditam ter. Ao contrário. O padre é interpretado pelo mesmo ator que faz o personagem Terranova na primeira parte do filme, o que se constitui uma provocação metanarrativa, possibilitando diferentes leituras da história, para quem pensa que Terranova e o padre são a mesma pessoa ou para quem crê em dois personagens distintos. Distintos ou não, os dois se mostram fascinados por Tiresia e talvez por isso se sintam justificados a exterminá-la/o.

Acerca dessa dúbia possibilidade de interpretação, novamente me recorro às palavras do diretor do filme:

KMF – Você já pensou que, para quem perde os créditos iniciais, a leitura do filme pode ser diferente em relação aos dois personagens que Laurent Lucas interpreta, Terranova e o padre?

BB – É verdade. Se você achar que o padre é Terranova, a leitura – possível, diga-se de passagem – é cristã, católica. Há redenção. Para mim, prefiro ver o filme do ponto de vista

grego. Destino, para mim, me interessa mais do que redenção. A ideia de destino numa sociedade politeísta me interessa mais ainda, pois há aí uma firme contradição (BONELLO *apud* MENDONÇA FILHO, 2009).

Quais seriam as muitas contradições para as quais Tiresia poderia apontar? Há redenção em sua morte? Destino? Ou uma redenção disfarçada de destino? E, nesse caso, somente existiria redenção ou destino por que Tiresia é reduzida a seu sexo e gênero e estes causam abalos sísmicos na normatização dos corpos? Não continuamos falando – e produzindo – quase que exclusivamente da centralidade do sexo? São questões para nossos diálogos e principalmente para nossas possibilidades de subjetivação, não apenas generificadas, fictícias ou não.

“Da laranja quero um gomo, do limão quero um pedaço; do menino mais bonito, quero um beijo e um abraço”

Tiresia, o filme, se pretende uma releitura contemporânea do mito grego de Tirésias, o que coloca sua narrativa cinematográfica em relação a uma história exterior a ela. Segundo a versão mais conhecida desse mito, contada por Brandão (1992) e mencionada por Maluf (1999) em sua análise das metamorfoses de gênero, Tirésias era um profeta com dons adivinatórios dados por Zeus como recompensa pelo fato de sua cegueira advir de um castigo de Hera. Certa vez, ao escalar o monte Citerão, deparou-se com duas cobras em cópula e separou-as. Conta-se ainda que teria matado a fêmea. Nas diversas variações do mito, mantém-se a separação das serpentes por Tirésias, o que teria lhe transformado em mulher. Passados sete anos, voltou ao mesmo monte Citerão e novamente encontrou duas cobras acasalando-se e mais uma vez as separou, o que lhe devolveu sua condição masculina.

Tirésias foi chamado para intervir em uma disputa entre Zeus e Hera sobre quem alcançava mais prazer sexual, o homem ou a mulher, pois já tinha experimentado os dois sexos, sendo o mais indicado para responder a essa questão. Ele responde que era a mulher e que, se dividisse tal prazer em dez partes, o homem alcançaria apenas uma e a mulher, nove. Hera, furiosa por ele ter contado o grande segredo feminino, castiga-lhe com a cegueira, mas Zeus prolonga sua vida por sete outras gerações e lhe concede o dom da adivinhação.

Brandão (1992, p. 176) oferece uma interpretação sobre o castigo de Hera nessa versão do mito de Tirésias: a fúria daquela não estaria relacionada apenas à revelação do segredo feminino, mas sim ao posicionamento da

mulher de forma inferior ao homem, pois, ao afirmar que ela obtinha “nove décimos de prazer, estava, na realidade, traçando um perfil da superioridade masculina, da potência de Zeus, simbolizando todos os homens, únicos capazes de proporcionar tanto prazer à mulher”. Essa interpretação é bastante machista e constitui-se uma forma de manutenção do *status quo* das diferenças de gênero, ou ainda, da superioridade do homem frente a qualquer outro ser; ela toca na questão de gênero, mas justifica e naturaliza a dominação masculina.

Ao reeditar o sábio Tirésias como uma transexual, o filme de Bertrand Bonello pode ter pretendido resolver esse embate de Zeus e Hera, pois, estando em trânsito de gênero, Tiresia, a personagem cinematográfica, obteria um prazer que não seria nem do homem nem da mulher. O prazer de Tiresia seria múltiplo, borrado em seus limites de coerência normativa, assim como são plurais as diversas possibilidades das experiências transexuais. Como aponta Bento (2006, p. 235) nas linhas finais de sua tese acerca de sexualidade e gênero na experiência transexual, há uma interrupção da

linha de continuidade e de coerência que se supõe natural entre corpo, sexualidade e gênero, ao mesmo tempo em que apontam os limites da eficácia das normas de gênero e abrem espaços para a produção de fissuras que podem, potencialmente, transformar-se em contradiscursos e libertar o gênero do corpo-sexuado.

A experiência trans guardaria a potencialidade de transformação das tão rígidas normas de gênero e sexualidade, mas não por meio de um ser exótico que profeticamente traria seu corpo em trânsito como a grande luz que iluminaria nossos parcos modos de subjetivação generificados e sexualizados. Tiresia não pode ser vista apenas como necessariamente sexo e que por isso teria muito a dizer e a ensinar ao mundo. Um corpo em trânsito, feito justamente de uma não linearidade da tríade sexo/sexualidade/gênero, também não se encontra à frente dos compostos binários. Essa lógica dual não consegue abarcá-lo, porém isso não o coloca em primeiro lugar em uma hierarquia teórica de gênero. Essa potencialidade de transformação muitas vezes provocada pelos corpos trans seria a de tentarmos não nos reduzir ao sexo e ao gênero, como também não caberia nos restringirmos a qualquer outra categoria ou marcador social. Sermos livres, de forma que ser homem ou mulher, homo ou heterossexual, vermelho, azul ou amarelo, não importe. Reconheço que isso pode ser por demais utópico, mas talvez ganhássemos muito mais vida e menos guerras desse modo.

Um argumento bastante interessante é o de Rolnik (1998, p. 63), para quem a guerra dos gêneros pode levar ao estabelecimento de “tristes gêneros”, pois, caso se foque a luta apenas no plano visível das identidades e figuras fixadas *a priori*, cairemos novamente em uma representação binária ou normativa dos gêneros. Reivindicar determinado gênero preocupando-se com sua demarcação identitária, ao mesmo tempo que o eleva como tal em um nível macro, também o reduz em suas novas possibilidades de subjetivação e ser cotidianos, uma vez que os esforços para mantê-lo demarcado impossibilitam qualquer movimento, mesmo naquelas figuras que suposta e teoricamente poderiam apontar uma saída para nossos “problemas de gênero”, como os corpos trans. Para Rolnik (1998, p. 64-65), “quase tudo leva a crer que é possível instalar-se de modo vitalício numa determinada figura, sem que jamais tremam seus contornos; a impressão é de que acredita-se que tremores são pura expressão de fraqueza e que os fortes não conhecem isso”. Os tremores não são possíveis nem às categorias mulheres, homens, travestis, transexuais, homossexuais... *ad infinitum*.

Por vezes, parece que, se temos que dizer de um/a transexual, tratemos do/a que possui um caráter universal; se falarmos de homossexuais, defendamos o gay másculo e bem-sucedido e a lésbica feminina, já que um homem afetado e uma mulher masculinizada – as clássicas bichinhas e sapatonas – manchariam a positividade homossexual; a travesti então, geralmente associada à prostituição e outras marginalidades, somente adquire visibilidade enquanto ser exótico envolvido em escândalos ou produções pornográficas ou, caso “se salve”, pela educação e frequentemente uma universidade. Estamos sempre encaixotados, sem mobilidade e correndo em busca de nos tornarmos ideais, mesmo sabendo desde o início que nunca chegaremos lá, onde quer que seja.

É inegável admitirmos que transexuais são sujeitos de direitos e, como qualquer outro, devem ser abarcados por políticas públicas e principalmente ter sua legitimidade reconhecida por todos os setores da sociedade, incluindo os dispositivos legais. Porém, por vezes, esse dispositivo da transexualidade parece se prestar apenas à adequação de sujeitos a um ideal normativo de ser, visto a transexualidade ser concebida como patologia, segundo classificação do CID-10 e do DSM-IV. Abarcada pelo discurso médico-científico sob os diagnósticos gerais de Transexualismo ou Transtorno de Identidade de Gênero, a transexualidade tornou-se passível de ser corrigida, adequada ou simplesmente legitimada por tal discurso, validade que geralmente não é encontrada pelos transexuais em instituições sociais, como a família, escola,

trabalho etc. Muito mais do que adequar seu corpo ou genitália a uma suposta coerência biológica ou de gênero, o que os/as transexuais desejam é alguma forma de legitimidade, de serem reconhecidos/as como sujeitos, ainda que não tão adequados quanto às subjetividades forjadas – e plenamente validadas – segundo o ideal fálico heteronormativo.

O sofrimento, a discriminação e a inadequação entre a forma como você se concebe e se esforça para ser e o que lhe é prescrito por diversas instituições das quais faz parte são bastante grandes e geram diversos tipos de respostas a essa tensão. Como afirma a já mencionada travesti Agrado, “custa muito ser autêntica, senhora. E, nessas coisas, não se deve economizar, porque se é mais autêntica quanto mais se parece com o que sonhou para si mesma” (*apud* MALUF, 2002, p. 145). Tentar ser da forma como você se concebe naquele determinado momento pode entrar diretamente em choque com o que você “deveria” ser, com o caminho que se esperava ser seguido, principalmente porque essa tentativa pode não ser considerada tão bonita quanto a esperada.

A luta para ser reconhecido como humano é mais do que urgente, mas tenhamos cuidado para não acabarmos reproduzindo a mesma lógica de dominação e estabelecimento de uma nova verdade sobre o que seria válido ou não. A mudança poderia ser para a busca de uma epistemologia flexível – *queer?* – que não adquira sustentação apenas com o estabelecimento de bases tidas como fortes, mas sim por admitir e potencializar a criação de subjetividades diversas e transitórias, sem que isso implique perdas. A guerra deveria ser “contra a perpetuação dos gêneros” (ROLNIK, 1998, p. 68) e faz-se urgente que nossos radares se voltem para a multiplicidade cotidiana do imprevisível, do invisível, da desterritorialização – ainda que esta não seja pleiteada por Tiresia, já que transitar pode ser por demais desesperador. Não estamos falando de planos teóricos, mas reais, calcados em nossas práticas; nossas vidas são impossíveis de serem previstas e lidamos com o absurdo e o novo diariamente, muitas vezes sem nos darmos conta, principalmente se nos focamos na caça às regularidades e confirmação de hipóteses.

Tiresia não tem uma verdade a revelar, seja uma transexual ou não, homem e/ou mulher, brasileira ou francesa, humana ou abjeta. Tiresia tem uma vida a viver, com suas lutas, desejos, prazeres, trânsitos e cristalizações. Um nome ou uma categoria são apenas poucas formas de tentarmos abarcar uma realidade complexa e em movimento, que se atualiza no momento mesmo de sua instituição. Nenhum oráculo nos dirá nada, nenhuma estabilidade é possível. Sempre teremos muito a aprender e a desconstruir, leis a serem seguidas e transgredidas. Será que conseguiremos nos subjetivar de modo

híbrido, abraçando o múltiplo constitutivamente e ainda termos um pouco de paz? De que estamos nos esquecendo? Em que estamos nos excedendo? O que precisamos admitir e assumir? Até quando Zeus e Hera estarão em combate? Quantos castigos serão necessários e quantos sujeitos precisarão morrer?

Caminhos são possíveis, então, caminhemos! Quem é que não está em trânsito?

Referências

- BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita: corpo e gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- _____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- LEITE JÚNIOR, Jorge. "Nossos corpos também mudam": sexo, gênero e a invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.
- MALUF, S. W. O dilema de Cênis e Tirésias: corpo, pessoa e as metamorfoses de gênero. In: SILVA, Acione Leite; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Org.). *Falas de Gênero*. Florianópolis: Mulheres, 1999. v. 1, p. 261-275.
- _____. Corpo e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero nas margens. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 143-153, jan. 2002.
- MARINO, Paula Rodríguez. Travestismo: la construcción de la identidad de género sexual en algunas comedias norteamericanas. *Intexto*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 1-12, jul./dez. 1997.
- MENDONÇA FILHO, Kleber. Poema sobre o fascínio da beleza. *Cinemascópio*. Disponível em: <<http://cf.uol.com.br/cinemascopio/criticassf.cfm?CodCritica=1037>>. Acesso em: 01 ago. 2009.
- _____. Bertrand Bonello. *Cinemascópio*. Disponível em: <<http://cf.uol.com.br/cinemascopio/entrf.cfm?CodEntrevista=119>>. Acesso em 01 ago 2009.
- NAVARRO-SWAIN, T. Entre a vida e a morte, o sexo. *Labrys. Estudos Feministas*, Brasília, Montreal, Paris, v. 10, jul./dez. 2006.
- _____. As teorias da carne: corpos sexuados, identidades nômades. *Labrys, Estudos Feministas*. Brasília, Montreal, Paris, v. 1-2, n. jan./dez. 2002.

_____. Identidade nômade: heterotopias de mim. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luis (Org.). *Imagens de Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002a.

PRINS, BAUKJE; MEIJER, IRENE COSTERA. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, 2002.

ROLNIK, Suely. “Tristes Gêneros”; “Machos e fêmeas”. In: LINS, Daniel (Org.). *A dominação masculina revisitada*. Campinas: Papirus, 1998.

STRAUSS, Frédéric. *Conversas com Almodóvar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

TIRESIA. Direção: Bertrand Bonello. Produção: CLF. Roteiro: Bertrand Bonello e Luca Fazzi. Intérpretes: Laurent Lucas; Clara Choveaux; Thiago Telès; Célia Catalifo; Lou Castel. [São Paulo: Califórnia Filmes], 2005. 1 DVD (115min).